

«O romance histórico
de que andava à procura.»
Cosmopolitan

~~~  
SÉRIE  
**HELL'S BELLES**  
VOLUME 3  
~~~

**SARAH
MACLEAN
EXPLOSIVA**

TOP
SELLER

*Este é para Jen.
Obviamente.*

Capítulo 1

*East End de Londres
Janeiro de 1840*

Lady Imogen Loveless adorava explosões.

Que fique claro: não era uma sádica. Não lhe agradava o facto de uma explosão poder provocar danos físicos a alguém. Não; se tivesse de explicar, diria que não eram as coisas explodidas que lhe causavam alegria, mas os *meios pelos quais* se faziam as coisas explodir.

Imogen apreciava clarões de luz brilhantes e ondas de calor, o cheiro peculiar e o som — para o ouvido não treinado, apenas um *bum!* ou um *estalido* ou um *silvo* ou um *sopro*, mas, na maior parte das vezes, uma qualquer combinação mágica que resultava noutra palavra totalmente diferente. Um *rebentamento*, uma *crepitação*, um *estouro*.

Seria muito difícil encontrar alguém em toda a Grã-Bretanha que passasse tanto tempo a pensar nos barulhos das explosões como Imogen. (A sua primeira palavra tinha sido *Bum!*, embora ninguém estivesse a prestar atenção e a ouvisse.)

Contudo, sendo ela uma senhora e, mais ainda, aristocrata, poucos prestavam atenção ao seu fascínio peculiar — ou a qualquer dos outros fascínios peculiares que ela acumulara ao longo dos seus 24 anos de vida. Na verdade, a maioria das pessoas ignorava completamente os fascínios quando referia a única irmã do Conde Dorrington, porque *peculiar* era descrição mais do que suficiente para tornar uma senhora pouco atraente.

Não que Imogen considerasse a palavra um grande insulto. Fora assim descrita desde que nascera, desde que o pai a levara de bibe à Sociedade Real de Química, sítio onde ela se afastara dele, misturara cal viva com água e quase incendiara as instalações antes de o conde ser informado, em termos muito concretos, de que as crianças — sobretudo as meninas — não eram permitidas no edifício.

Peculiar, sussurraram à sua passagem, na esteira do pai, que elogiava a sua experimentação de forma categórica.

Rapariga estranha.

Demasiado orgulhosa da sua inteligência.

Se o Dorrинг não tiver cuidado, ela vai ser pior do que esperta demais.
Vai ser demasiado.

E fora exatamente isso que acontecera. Lady Imogen Loveless era demasiado para a sociedade e demasiado para o irmão, que se tornou seu tutor após a morte do seu amado pai, tinha ela apenas 16 anos, e sobretudo demasiado para qualquer pretendente que pudesse ter surgido à porta da sua casa em Mayfair — embora nenhum o tivesse feito até essa manhã de janeiro, apenas um mês antes do seu vigésimo-quarto aniversário.

Isto servia perfeitamente a Imogen, pois ela preferia mil vezes ser demasiado do que a alternativa. E se o grande mundo sentia que *demasiado* não era suficiente para os seus bailes e jantares e chás e companhia, então Imogen apreciava que a deixassem na sua oficina, nas caves da Dorrинг House, com as suas tinturas e tónicos, e com as suas amigas, que compreendiam como ela podia ser divertida e empreendedora com as suas tinturas e tónicos.

Ninguém discutia os sons das explosões durante o chá.

E assim, nessa manhã de janeiro, logo após o amanhecer, ainda o ar cortante da noite não tinha aquecido, Imogen encontrava-se no local de uma explosão. Era importante notar que Imogen nada tinha que ver com essa explosão em particular. Desconhecia que som tinha feito no momento-chave — podia apenas supor que teria sido uma espécie de *trovão*, considerando a sua convicção de que o edifício fizera um grande barulho ao desmoronar.

Não se sentia o cheiro de qualquer explosivo em particular — tudo aquilo que pudesse ser único e que tivesse ficado a pairar fora abafado pelo fumo acre do incêndio que a nitroglicerina causara ao

entrar em combustão, e pela nuvem de poeira que se erguera do edifício agora reduzido a escombros.

Doze horas antes, o edifício albergava a O'Dwyer & Leaf, uma modista entalada entre um *pub* e uma loja de empadas, em Spitalfields, numa pequena e movimentada área de East London que não teria prosperado sem a popularidade desta loja em particular e das suas talentosas proprietárias, atraindo um corrupção constante de mulheres. O fim do estabelecimento seria o fim dos negócios que tinham crescido em seu redor. O edifício não podia ser salvo; a relocalização era a única opção.

Uma situação triste, sem dúvida, mas não digna de atrair a atenção de mais ninguém, além da vizinhança.

Não devia, com toda a certeza, atrair a atenção de uma senhora da aristocracia.

Muito menos a atenção de quatro delas.

Mas este não era um edifício *qualquer*, e estas não eram umas senhoras *quaisquer*.

E então, no cinzento pesado da manhã londrina, mais pesado ainda pela ameaça de chuva gelada e pelo particular silêncio de um edifício desmoronado, Imogen e três outras encontravam-se entre pilhas de detritos no espaço agora vazio, aberto à rua e ao céu, entre o The Hollow Drum e a Loja das Empadas Deliciosas da Sra. Twizzleton.

O quarteto estava, ao mesmo tempo, extremamente deslocado e inteiramente ao comando da situação.

Eram as *Hell's Belles*, alvo de sussurros nos salões de baile e bares de toda a cidade de Londres — um grupo de mulheres (Seriam quatro? Quarenta? Por vezes, pareciam ser *quatro mil*) que tinha ganhado a reputação de derrubar o que havia de pior no mundo corrupto quando, no geral, quem detinha o poder se recusava a fazer o mesmo.

Poucos conheciam a identidade de um membro do bando que fosse, muito menos a identidade dos quatro que o tinham fundado — afinal, quando se tratava de mulheres, as pessoas raramente prestavam atenção. E as *Hell's Belles*, que tinham adorado a alcunha dada pelos jornais de escândalos londrinos (citando fontes não identificadas da Scotland Yard), aproveitavam-se alegremente dessa falta de atenção, escondendo-se à vista de todos.

Se alguém procurasse, encontraria o quarteto nos bailes de Mayfair, nas salas de jantar de Kensington e nas lojas da Bond Street, locais onde o dinheiro, o poder e a alta moda conferiam uma espécie de invisibilidade. Eram igualmente habituais em Covent Garden, onde uma boa capa e um melhor cocheiro podiam facilmente manter oculta a identidade de uma mulher. Porém, vestidas de sedas e cetins garridos, e capas acabadas de engomar, passeando-se na fuligem cinzenta das manhãs do East End?

Isso era algo de completamente diferente. As senhoras não iam ao East End.

No entanto, não era todos os dias que um negócio patrocinado por uma duquesa rica — duas duquesas ricas — e as filhas de dois igualmente ricos condes era feito em pedaços.

E assim... bem. A necessidade a tal obrigava.

A necessidade, neste caso, significava que Lady Imogen, adoradora de todos os explosivos — e ela própria talentosa especialista nos mesmos — estava ali para investigar. O cheiro. Os sons. O padrão único do rebentamento.

Acocorou-se entre os detritos, avaliando os dedos ferozes de fuligem negra sobre o que outrora fora o espaço atrás do balcão das fitas, agora desintegrado pela força da explosão.

Erguendo o olhar, Imogen examinou a parede de tijolo parcialmente ruída atrás de si, na qual o espelho que antes separava a dianteira da loja das salas das traseiras fora estilhaçado pelo calor. Por cima, os soalhos de madeira tinham sido incinerados, restando apenas a estrutura da escadaria entre o piso térreo e o céu, agora visível através do segundo e terceiro pisos desintegrados.

Imogen inspirou profundamente o ar impregnado de fumo, enxofre e chuva fria.

— Sem dúvida que fizeram um belo trabalho, não é verdade?

— As palavras ficaram a pairar. Estranhando o silêncio, virou-se para duas mulheres que a olhavam com uma vaga censura. Pestanejou. — Que foi?

— Posso sugerir que disfarces melhor esse fascínio com a destruição de um edifício inteiro? — disse a Duquesa de Trevescan.

Imogen encolheu ligeiramente os ombros.

— Quem fez isto sabia precisamente onde colocar o engenho...

— E também *quando* o colocar. — Sesily Calhoun estava na agora desaparecida ombreira da porta, atenta à rua, onde uma série de madrugadores já dava início ao dia. — Bastante tarde para alguém que visse alguma coisa...

— Não visse nada. — Adelaide Carrington, tornada recentemente Duquesa de Clayborn, surgiu das traseiras do edifício. — A regra mais antiga de South Bank. Se viste alguma coisa, não digas nada. — Brandiu um molho de papéis. — Encontrei-os. Na caixa trancada debaixo do soalho, como a Erin disse.

— Excelente — disse a duquesa, incapaz de disfarçar o seu alívio quando Adelaide se juntou a ela perto das escadas. Nas mãos erradas, os documentos cuidadosamente guardados por Frances O'Dwyer e Erin Leafe, e recuperados por Adelaide, destruiriam vidas. — Não precisamos que ninguém fale. A Imogen acabará por ouvi-los, seja como for.

Sesily riu-se.

— E o *News* tecer-lhe-á elogios.

Não eram sempre elogios, mas independentemente do estilo do jornal — Respeitável (as *Hell's Belles*), Sarcástico (*Ladies Justiceiras!*) ou Revolucionário (Defensoras dos Homens e Mulheres Comuns) —, a notícia fazia com que se vendessem exemplares, graças a um imenso grupo de pessoas por toda a Inglaterra que gostava de ver a verdade finalmente atirada à cara do poder. E um grupo também significativo dos que tinham poder... e nenhum interesse em ouvir a verdade.

Eram os últimos quem fazia explodir bombas em lugares onde as mulheres fora dos assentos do poder se congregavam e partilhavam ideias. Lugares como a loja de O'Dwyer & Leafe.

Era evidente que, nos dois anos que as *Belles* levavam a não só levantar-se em defesa dos excluídos do poder e privilégio do Parlamento — mulheres, crianças, trabalhadores, pobres —, mas também a derrotar os que detinham o poder e o privilégio para punir, as coisas se tinham tornado mais incendiárias.

Uma rainha no trono inflamara a aristocracia; a ideia de que as mulheres pudesse desgastar gerações de poder também noutros sítios? Era suficiente para tornar essa inflamação em algo muito mais perigoso. Algo explosivo.

O resultado foi um incremento da ira. Um aumento dos editoriais inflamados contra o sexo mais fraco. Eram mais frequentes

as histórias moralistas sobre mulheres que ganhavam conhecimento e força, trabalhadores que conquistavam direitos, imigrantes que procuravam igualdade, pobres que exigiam dignidade, os perigos de mandar as crianças para a escola e não para o trabalho.

Uma rainha, murmurava-se, e todas elas esperam ser tratadas como realeza.

E agora, isto. Em três meses, três explosões em três lojas idênticas — cada uma com uma sala na frente e outra nas traseiras. Um negócio na frente e outro atrás. Um deles muito mais importante do que o outro. E, por isso, mais perigoso.

Uma padaria em Bethnal Green que atuava como ponto de escala para mulheres em fuga de homens que empunhavam a crueldade e o seu poder como armas; uma tipografia em Whitechapel onde os trabalhadores se reuniam para definirem estratégias a fim de obterem melhor tratamento e salários; e agora isto, a modista de O'Dwyer & Leafe, que escondia uma das clínicas de saúde feminina secretas de Londres.

Tudo reduzido a escombros, às mãos de monstros com ciência impressionante, habilidade rudimentar e falta de humanidade.

— Cuidado com essas escadas — disse Imogen sem levantar os olhos da sua inspeção. — Não são seguras.

A duquesa retirou a mão do corrimão, que permanecia intacto.

— Hesito em perguntar... Alguma coisa aqui é segura?

Imogen não respondeu, focada que estava na sua inspeção do local.

Adelaide ajeitou os óculos.

— Imogen... Alguma coisa aqui é segura?

— Hum? — Imogen ergueu os olhos. — Não, claro que não.

— As outras três mulheres trocaram um olhar que não era invulgar quando estavam na presença da sua amiga caótica. — Sesily, trazes-me o meu saco, por favor?

Sesily olhou de esguelha para o saco de viagem que Imogen deixara no que fora outrora o espaço da porta.

— Sinceramente, preferia não ser esmagada, Im.

— Não te preocipes com isso. — Imogen apontou para a escadaria. — Não terás problemas se evitares as escadas.

A duquesa e Adelaide retiraram-se rapidamente para o outro lado da loja enquanto Sesily entregava o saco. Imogen abriu-o

e vasculhou no seu interior. A duquesa observava a rua, mais movimentada agora do que meia hora antes.

— Depressa — sussurrou. — Quanto mais nos demorarmos, mais provável é que alguém apareça a fazer perguntas.

Extraindo um frasquinho, Imogen recolheu um pouco de fuligem, juntamente com um estilhaço de vidro que, esperava ela, apresentaria vestígios da nitroglicerina utilizada.

— Está quase.

— Não é trabalho do meu pai, pois não? — perguntou Adelaide da sua distância segura.

Imogen abanou a cabeça.

— Os rapazes do teu pai não têm subtileza para isto. Sem ofensa.

Adelaide riu-se.

— Não me ofende. A subtileza não é uma qualidade exigida para gerir braços armados e punhos pesados contratados em Lambeth. — Além disso, Alfie Trumbull, líder do maior bando de criminosos de South Bank, os Bully Boys, jurara virar uma nova página, agora que tinha um duque como genro. Aparentemente, a esperança de ter um neto titulado fazia com que até um empedernido senhor do crime pensasse em endireitar-se. Ou o que quer que *endireitar-se* significasse para os senhores do crime.

— Quem, então? — continuou Adelaide, ajeitando os óculos.

— Alguém competente... — disse Imogen, usando um pincel de cerdas de javali para varrer a poeira intensamente concentrada, procurando com minúcia. — Mas sem imaginação. É o mesmo engenho explosivo que usaram da última vez. E da anterior. O mesmo agente. O mesmo padrão de explosão.

— Sem imaginação? Ou sem medo de ser apanhado? — perguntou a duquesa.

— Provavelmente ambos — respondeu Imogen.

Sesily pôs um rebuçado de limão na boca e apertou mais a sua capa escarlate em torno do corpo.

— Muito bem, a Imogen está perto do *quem...* mas e o *porquê?*

— É sempre a mesma coisa. Os que detêm o poder não gostam que os outros saiam fora do seu controlo — afirmou a duquesa com desdém, pisando uma pilha de tijolos junto de si. — Mas o mesmo vilão? Em três lugares diferentes? Com três propósitos diferentes?

— Eu não disse que era o mesmo vilão — declarou Imogen, pondo-se de pé. — Disse que foi a mesma pessoa que armou a bomba.

— Queres dizer, um alguém contratado — respondeu Adelaide. A duquesa olhou-a.

— Tens de visitar o teu pai, Adelaide. Se não foram os Bully Boys a causar esta explosão...

Adelaide assentiu.

— Decerto que ele terá alguma ideia acerca de quem anda a fazer isto. Precisamos desse nome. E depressa. — Virou-se e olhou para a rua. O Sol ia alto, e os locais, vestidos e com o pequeno-almoço tomado, iam-se aproximando para espreitar.

A duquesa apontou os papéis na mão de Adelaide e inclinou o queixo na direção da carruagem que aguardava.

— É melhor levares isso lá para dentro, antes que alguém repare que encontrámos algo que não ardeu.

A Duquesa de Clayborn assentiu e, tapando o seu cabelo vermelho-fogo com o capuz, saiu e dirigiu-se para a carruagem.

Sesily estremeceu.

— Despacha-te, Imogen.

— Estas coisas levam tempo! — replicou Imogen sem levantar os olhos do trabalho, agindo rápida e cuidadosamente, sabendo que o tempo era escasso. E então: — *Aha!* Encontrei.

Ali. Um pedaço de tecido. Ergueu-o cuidadosamente do pó, extraíndo um segundo frasco do saco.

As outras mulheres endireitaram-se e a duquesa deu um passo em frente para espreitar sobre o ombro de Imogen, que guardava cuidadosamente o seu tesouro.

— O que é que torna esse diferente dos metros e metros de outros tecidos queimados neste sítio?

— Talvez nada — disse Imogen, guardando os frascos no seu saco antes de extrair o pequeno caderno e lápis que transportava na manga em balão do seu casaco azul-claro. — Mas já vi este tecido. Na padaria. E na tipografia. Onde não havia tecidos a metro.

Abriindo um caderno, pôs um visto em várias alíneas: *mecha, rastilho, fuligem.*

Sesily fez um pequeno som de admiração.

— Bom trabalho, Im.

— Sem dúvida — disse a duquesa. — Porém, tendo em conta que removeste uma pista importante de um cenário de crime, diria que é melhor irmos embora, e depressa. A Scotland Yard não tardará a chegar.

Imogen deu uma pequena risada de desdém.

— Desde quando é que eles arranjam tempo para uma modista em Spitalfields? — Pegando no saco, dirigiu-se às amigas, que já se viravam para se juntarem a Adelaide na carruagem. — Nenhum homem na Polícia Metropolitana quer este caso.

— Receio bem que esteja enganada, minha senhora. — A voz, profunda e cheia, surgiu das traseiras do edifício, por trás delas. O trio deteve-se no espaço entre o que tinha sido o interior e o que fora sempre o exterior. O rosto de Adelaide assomou à janela da carruagem, de olhos muito abertos, fixos num ponto atrás delas.

Num *homem* atrás delas.

Imogen sentiu algo dentro do peito. Um matraquear. Uma marca, única e familiar, não muito diferente da marca da explosão que as trouxera aqui.

Que o trouxera aqui.

Virou-se, ombro com ombro com as suas amigas, e encontrou o olhar dele, negro e exasperado sob o chapéu de aba curta. Tão exasperado como as palavras que ele resmungou.

— Que fazem aqui?

Capítulo 2

O inspetor Thomas Peck estava a ter um dia mau.

Tinha começado às 5h15, definitivamente a pior hora da manhã. Nada de bom podia advir de se acordar às 5h15. Primeiro, era o momento mais frio da noite, demasiado distante do lume na lareira e não bastante próximo do romper do Sol no horizonte. Segundo, era cedo. Não tão cedo que parecesse o meio da noite, mas não tarde o bastante para ser considerado um momento adequado para madrugar. Era cedo da forma mais irritante, como se, caso o vasto mundo pudesse ter aguentado mais um quarto de hora, tudo tivesse ficado perfeitamente em ordem.

O inspetor era, visivelmente, alguém que prosperava quando as coisas estavam em ordem.

O jovem agente da Secção de Investigação da Scotland Yard que batera à porta da casa de hóspedes da Sra. Edwards, porém, não conseguira esperar, e graças a isso, aparecera mesmo às 5h15, essa hora ímpia. A culpa não era do rapaz de rosto juvenil, reconheceria Thomas mais tarde, depois de um encontro com um café forte e ar frio. A culpa era do próprio Thomas. Ele fora mais do que claro com toda a Secção de Investigação: se houvesse uma explosão em qualquer ponto de Londres, fosse a que hora fosse, fosse em que dia fosse, ele devia ser chamado. Imediatamente.

Isso não significava que gostasse que o fizessem levantar-se de madrugada.

Nem significava que a sua senhoria também gostasse. De facto, a Sra. Edwards — que fez questão de repreender o jovem agente antes de gritar «*Inspetor!*» junto da escadaria central da casa de hóspedes — afirmou não gostar mesmo nada daquilo. Pareceu, no entanto, desfrutar bastante da própria gritaria.

Isso pouco importava. Pelas 5h40, Thomas retomara o seu perfeito e austero controlo: barbeado, lavado, vestido e saindo de casa, com a Sra. Edwards atrás de si, berrando-lhe o seu bem treinado sermão *Porque É que Inquilinos Decentes não Recebem Visitas Antes do Raiar do Dia*.

Porém, seria necessário muito mais do que a diatribe de uma senhoria para desviar Thomas Peck do seu caminho, pelo que fechou a lustrosa porta preta atrás de si, silenciando o barulho com uma mão firme. Olhou para o jovem agente.

— Para onde?

Para o East End, onde uma enorme explosão destruía uma modista, situada entre uma loja de empadas e um *pub*. Plenamente consciente de que viajava numa carruagem da polícia, o Inspetor deu ordens ao condutor para o largar no beco atrás do edifício, a fim de entrar sem ser visto.

O jovem agente esforçava-se para esconder a certeza de que o inspetor tinha as expectativas demasiado elevadas relativamente a Spitalfields — segundo todos os relatos, o edifício fora rebentado ao abrigo da noite; decerto que qualquer culpado já estaria bem longe.

Mas Thomas Peck não esperava um culpado. Esperava algo muito pior.

Caos. Do género que vinha numa embalagem bonita, roliça e pequenina, com olhos vivos e brilhantes cabelos pretos. Do género que normalmente se fazia acompanhar por sarilhos. E montanhas de papelada.

E ali estava ela, como esperava. Lady Imogen Loveless, vestida com o azul-claro de um céu de verão (a mulher alguma vez usava uma cor que não fizesse parte do maldito arco-íris?), segurando o seu enorme e omnipresente saco de viagem, entre pilhas de escombros, nas ruínas de um edifício explodido que de forma alguma era seguro, acompanhada por duas outras senhoras — a Duquesa de Trevescan e a Sra. Sesily Calhoun —, prometendo tornar o seu dia muito pior, como sempre fazia.

Thomas deteve-as quando se dirigiam para a carroagem, a qual já era ocupada pela recém-casada Duquesa de Clayborn. Mentiria se dissesse que não lhe agradara o choque no rosto da duquesa, a forma como três conjuntos de saias giraram em torno dos tornozelos do trio que ele fizera parar de repente.

Lady Imogen virou-se primeiro. Claro.

Começou da mesma maneira que começava sempre, oferecendo-lhe um sorriso aberto e descarado — claramente destinado a perturbar a mente de um homem inferior. Mas Thomas Peck não era um homem inferior, e era imune aos encantos da mulher. Pelo menos, quando estava preparado para eles.

— Ora viva, Inspetor! Que surpresa encontrá-lo aqui!

— Gostava de poder dizer o mesmo, Lady Imogen — disse ele, parando junto de uma pilha de tijolos caídos que fora antes a parede divisória entre os aposentos fronteiros e traseiros da loja, resistindo ao desejo de se aproximar dela —, mas já sei que vou encontrá-la sempre que houver confusão.

Os olhos negros dela ficaram ainda mais brilhantes do que já estavam, praticamente a resplandecer.

— Que comentário amoroso.

As companheiras partilharam um olhar divertido por cima dos seus caracóis negros.

— Cautela — disse ele. — Não estou convencido de que não seja a sua causadora.

Ela lançou-lhe um sorriso que ele teria achado bonito se não estivesse já preparado para o seu efeito explosivo.

— Acautele-se o senhor. Não estou convencida de que não venha à procura dela.

A resposta provocou um riso abafado à Sra. Sesily Calhoun, e Thomas ficou carrancudo. Não vinha à procura de confusões. Era um inspetor da Secção de Detetives da Scotland Yard. Tinha trabalho a fazer e estava demasiado atarefado para andar atrás desta mulher, por mais vezes que os seus caminhos se cruzassem.

— Não venho.

Lady Imogen abanou a cabeça, e Thomas teve a sensação distinta de que ela estava a ser condescendente.

— Claro que não.

— Venho a lugares onde foram cometidos *crimes*. Lugares onde me é exigido que faça o meu *trabalho*.

— Um trabalho que desempenha bem — disse ela, deslizando o seu olhar por ele de uma forma que não devia agradar-lhe tanto.

Calma... ela estava a troçar dele? O inspetor semicerrou os olhos.

— Faço-o *muito bem*, de facto.

Outra vez aquele sorriso, cheio de deleite e segredos.

— Foi por esse motivo que o disse.

Mais risinhos vindos das senhoras que a ladeavam. Para ele bastava.

— Minhas senhoras, porque é que estão aqui?

— Precisamos de um motivo?

— Para se encontrarem num edifício destruído? Em geral, sim.

— E se o meu motivo fosse simplesmente apreciar explosões?

— É um motivo ridículo — respondeu ele.

— Então? Isso é muito rude. Gosto *mesmo* de explosões.

— O bastante para ter causado esta?

Uma pausa e ela voltou a sorrir, com admiração no olhar. Não que lhe interessasse o facto de a mulher o admirar. Contudo, não lhe desagradou quando ela disse:

— Oh, isso foi muito bom.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— O que é que foi muito bom?

— Essa resposta rápida... uma pergunta, não foi? Tão rápida e casual que eu podia ter respondido, caso fosse uma mulher inferior. Imagino que isso resulte na maior parte das vezes.

De facto, resultava.

— Contudo, não respondeu.

Ela sorriu.

— Pois não.

Isto não devia agradar-lhe, esta forma como ela o provocava. A forma como tudo ficava mais animado com a batalha de espírito que ela lhe proporcionava.

Ele não devia gostar da forma como os caracóis oscilavam em torno do seu rosto. Não devia notar como as bochechas lhe coravam de prazer.

E não devia, por certo, perguntar-se que outras coisas lhe fariam as bochechas corar de prazer.

Pigarreou e retomou o controlo da conversa.

— É, portanto, uma mulher com um gosto confesso por explosões, às primeiras horas da manhã nos escombros de um edifício totalmente destruído.

— Estou na sua lista de suspeitos, Inspetor?

— Não — admitiu ele —, mas não pode censurar-me por a achar suspeita.

— Anime-se, Tommy. A maior parte de Londres acha-me suspeita.

Ele não devia, *garantidamente*, apreciar quando ela lhe chamava «Tommy». Cerrou os lábios, conjurando a sua expressão mais intimidante — uma que normalmente fazia tremer criminosos empedernidos.

— Este é o terceiro cenário de explosão em que a encontro no mesmo número de meses.

A senhora ficou impassível.

— E que história tão boa para contar aos nossos futuros filhos.

Foi apenas devido a anos de treino que a expressão de Thomas não revelou o seu choque. Suspirou asperamente e abafou os pensamentos inoportunos que a provocação dela teria inspirado na mente de um homem mais fraco.

— Lady Imogen, acredito que sabe mais acerca deste crime em particular do que deseja partilhar.

— É possível. — Lady Imogen inclinou a cabeça na direção dele. — Tem um plano muito sério para o meu interrogatório?

Ela era enfurecedora. Então, porque é que ele estava a considerar todas as formas em que *podia* interrogá-la? Formas que começavam por a atirar para cima do ombro e depositá-la na traseira de uma carruagem escura...

Os seus pensamentos foram interrompidos por uma gargalhada feminina, quando a Duquesa de Trevescan avançou para sair do edifício.

— Francamente, vocês os dois são um excelente espetáculo. Se as vossas carreiras atuais correrem mal, podem sempre dedicar-se ao teatro.

Com a deleitada afirmação, saiu para a rua, com a Sra. Calhoun atrás dela.

Deixando Thomas sozinho com Lady Imogen.

Ele aproximou-se mais dela, embora não devesse.

— Podia prendê-la, sabe?

— Com base em quê? — perguntou ela, dando igualmente um passo para ele.

— Por adulterar um cenário de crime.

— Houve um crime? — Ela deu mais um passo. Mais perto. Bastante perto para ele encará-la de cima, a redondez das suas bochechas rosadas, a ponta do seu queixo petulante e, mais abaixo, o ponto em que o corpete do vestido espreitava sob uma capa da mesma cor. Um brilhante alfinete de obsidiana preta engastada num suporte de prata estava preso ao veludo do seu peito, macio e exuberante. Tão exuberante como ela.

Ele pigarreou e arrastou os olhos para os dela, profundos e castanhos.

— Julgo que sim.

Ela assentiu, com os caracóis a balançar para trás e para a frente.

— Tal como eu.

Ele ficou tenso ao ouvir as palavras, pela forma como ela as disse, com uma clareza tão simples como se fosse sua igual.

— E?

— E... — Ela prolongou a palavra e ele ficou suspenso da sua hesitação, da curva dos seus lábios, da aresta branca dos seus dentes, do pequeno vislumbre da sua língua rosada no fim da palavra.

— Não fiz nada que exija uma viagem a Whitehall. — Fez uma pausa antes de acrescentar: — Pelo menos, não *hoje*.

Ele ficou exasperado.

— O que é que sabe?

— Nada que a polícia ajude.

— Quer dizer, nada que ajude a polícia?

— Quero? — Com um sorriso, ela virou-lhe as costas e, por um momento louco, ele estendeu a mão para ela, impedindo-se quando os seus dedos quase tocavam a lã cerúlea da capa. Ela era uma *lady*. Irmã de um conde. Não podia tocar-lhe. Onde é que tinha a cabeça?

Francamente, aquela mulher não devia poder sair de casa. Era caos.

E *tentação*.

Mas não para ele. Ele estava perfeitamente controlado. Era perfeitamente capaz de lhe resistir. Já resistira a pior.

Mentiroso.

Removeu a mão e encontrou a sua voz, ignorando o sabor do nome dela na sua língua.

— Lady Imogen.

Ela não respondeu, mas deteve-se, e as pesadas saias de inverno rodopiaram-lhe à volta dos tornozelos com a paragem súbita. Ele também parou, espreitando por cima dos ombros de Imogen, para lá dos caracóis, para a jovem lívida com os olhos muito abertos no rosto pálido.

— Bom dia! — disse Lady Imogen alegremente à jovem que lhe aparecera à frente, como se estivessem em todo o lado menos ali, na carcaça de um edifício ardido.

A jovem pestanejou, com uma mescla de surpresa, confusão e algo mais pesado no rosto — que se intensificou quando olhou para Thomas. Instintivamente, ele recuou um passo, dando-lhe espaço.

— Oh — disse ela baixinho, recuando para a rua e percorrendo com o olhar o edifício, os escombros e, finalmente, a senhora num sítio onde não devia estar. — Oh — repetiu a jovem, parecendo tomar consciência, fazendo uma vénia rápida.

— Não há necessidade disso — disse Lady Imogen, gesticulando-lhe que se endireitasse. — Posso ajudar-te de alguma maneira? — inquiriu, inclinando a cabeça.

— Eu tinha uma... — A mulher... rapariga, na verdade, não podia ter mais de 16 ou 17 anos, hesitou, voltando a relancear o edifício. Os olhos ficaram ainda mais abertos, como pires, cheios de um desapontamento palpável. — Uma entrevista. — Engoliu em seco. Pesada. Desolada. — Esta manhã. Com a modista. *Esta manhã.* — A última frase saiu com pânico.

Lady Imogen assentiu com a cabeça.

— Compreendo. Como podes ver, ela não está aqui.

— Está... — Outra hesitação.

— Oh, ela está muito bem, não te preocupes com isso. Já está a instalar outra loja, perto daqui. — Imogen pousou o saco e empurrou a capa para o lado, para enfiar a mão no grande balão que era a manga do seu casaco, extraíndo um caderninho e um lápis.

Thomas perguntou-se que mais guardaria ela naquela manga. Não ficaria surpreendido se lá descobrisse um frasco de veneno ou uma lâmina afiada ou um castiçal pesado pronto a ser brandido.

Enquanto ele se interrogava, Imogen escreveu rapidamente numa folha de papel antes de a arrancar e a passar à rapariga, que a fitou por um momento antes de levantar novamente a cabeça, uma frustração visível no olhar.

Ela não sabia ler.

Claro que Thomas não foi o único a reparar. Lady Imogen pôs uma mão quente no braço da rapariga e inclinou-se, sussurrando tão baixo que ele não conseguiu ouvir. Embora, com mil raios, tivesse tentado!

Os dedos lívidos da rapariga — *sem luvas* — seguraram os de Imogen — *também sem luvas* — com força.

— Obrigada, minha senhora.

— De nada. A modista vai resolver o teu assunto rapidamente. Não te preocipes.

A rapariga fez uma vénia rápida e virou costas, regressando rapidamente à manhã cinzenta onde a chuva pairava à beira de se misturar com neve.

— Sabe onde estão a Sra. O'Dwyer e a Sra. Leafe — aventou Thomas.

— Claro que sei — replicou Imogen, inclinando-se para pegar no omnipresente saco. — O senhor não sabe? — Ele cerrou os maxilares. — Sabe, inspetor — continuou ela alegremente. — Não devia começar o seu dia sem o pequeno-almoço. Um estômago vazio fá-lo começar com o pé esquerdo.

— Não comecei com o pé esquerdo, minha senhora.

Um sorrisinho surgiu nos seus bonitos lábios rosados. Não. Não eram bonitos. Nem rosados. Apenas lábios. Lábios normais. Sem nada de notável.

— Desculpe. Julgaria que tivesse começado pela localização das senhoras O'Dwyer e Leafe.

Ele franziu a cara. Ela não estava errada, mas maldito fosse se o admitisse.

— Onde estão elas?

— Isso ia retirar a piada, não acha? — E então, a mulher completamente maluca, dirigiu-se para a sua carruagem, sem dúvida pensando ter vencido a batalha.

Ele virou as costas, determinado a devolver à manhã uma razoabilidade tranquila, olhando imediatamente para um local

limpo entre os escombros, um jato de fuligem negra marcando o ponto onde a explosão se originara. E, circundando o perímetro? Um conjunto de pequenas pegadas recentes.

O seu olhar analisou a área, registando uma perturbação no padrão de explosão — marcas novas na poeira.

Virou-se quando a porta da carruagem foi aberta por dentro, acolhendo Lady Imogen na sua segurança, e ainda apanhou um vislumbre dos seus esvoaçantes caracóis negros e do seu maravilhoso traseiro a bambolear quando ela içou o saco para dentro da carruagem.

Claro que não foi por causa da maravilha que era o seu traseiro que ele a travou.

— Lady Imogen — chamou.

Ela virou-se.

— O seu saco.

Ela inclinou a cabeça.

— O meu saco?

— Suponho que não vai mostrar-me o que tem dentro? — Ele teria apostado um ano de salário em como ela encontrara algo de útil nos detritos, algo que estava agora dentro daquele enorme saco de viagem que levava para todo o lado.

Desde que a conhecera, 14 meses antes (não que estivesse a contar; a exatidão fazia parte das suas funções), Lady Imogen Loveless retirara uma série de artigos notáveis de dentro daquele saco. Explosivos. Armas. E uma série de dossiês que tinham ajudado Thomas a colocar no mapa a recém-formada Secção de Investigação da Scotland Yard. Informações sobre um conde que matara as esposas. Também sobre outro que raptava crianças para as deixar morrer nas suas instituições de trabalho. Dossiês grossos como o polegar de Thomas, todos carimbados com um sino índigo e contendo provas suficientes para prender ambos os homens até ao resto das suas vidas.

O que é que está aí dentro hoje, Imogen?

E, mais importante, porque é que ela não queria partilhá-lo?

Ela baixou os olhos para o saco na sua mão, como se acabasse de descobrir que ele estava ali. Quando voltou a encará-lo, tinha um brilho divertido nos olhos.

— Francamente, Sr. Peck. Não sabe que não se deve questionar uma senhora acerca do conteúdo da sua bolsinha?

Ele olhou ostensivamente para o saco — volumoso e muito longe de ser uma bolsinha — e respondeu secamente:

— Uma coisa estranha para designar de bolsinha; contém um pouco mais do que um lenço e um gancho de cabelo extra, suponho.

— Trago-o comigo quando saio, e está cheio de artigos que são de natureza pessoal — disse ela. — Se isso não é uma bolsinha, não sei o que o será.

— Pensando bem, não seria despropositado chamar-lhe bagagem — disse ele.

— Seja como for — retorquiu ela —, uma senhora nunca conta.

Virou-se e passou o saco pela porta aberta, seguindo-o para o interior da carruagem.

Ele observou, mas não por causa do seu maravilhoso traseiro. Ao invés, ficou a ver para se certificar de que ela partia. A sua presença era uma distração contínua. Ele tinha trabalho a fazer, e sabia onde encontrá-la.

Mayfair. O sítio onde as senhoras viviam. Com aristocratas e dinheiro. Senhoras que não pertenciam ao East End.

Apesar de virar as costas exigir mais esforço do que ele alguma vez admitiria, foi isso que Thomas fez, voltando-se para o destroço de edifício para investigar a origem da explosão — apesar de esta já ter sido investigada por Imogen Loveless, que guardava mais segredos do que um cérebro do crime.

Percorrendo o perímetro da que fora outrora a sala da frente da loja de modista de O'Dwyer & Leafe, avançou em direção às escadas — a única coisa que restava do edifício — procurando alguma prova deixada pelo arquiteto da explosão. O seu olhar experiente analisou o chão em busca de pistas que pudesse revelar-se entre as cinzas, a fuligem e os escombros.

Mais pegadas. Botas de salto. Azuis, sem dúvida. Como o seu vestido. Senhoras como Imogen Loveless usavam sapatos que combinavam com os vestidos, porque não tinham de se preocupar com coisas práticas. Podiam pavonear-se em cores garridas e nunca se ralarem com a fuligem nas bainhas ou a lama nos saltos, pois tinham todo o dinheiro e acesso e privilégio de que precisavam para comprar saias novas, assim como botas ou sacos ou o que quisessem, quando quisessem.

Senhoras como Imogen Loveless podiam aparecer em Spitalfields para brincar aos investigadores numa explosão só por capricho, porque nunca teriam uma razão para estar ali por trabalho legítimo. Ou pela vida pessoal.

— Mimada — resmungou ele, evitando deliberadamente as pegadas no pó, como se, ao fazê-lo, pudesse evitar a própria mulher.

Escutou um estalido por cima dele e ergueu os olhos à chuva gelada que escorria pelas traves queimadas. Semicerrou os olhos e considerou os desaparecidos pisos superiores. Algures, pelos vistos, algo sobrevivera à explosão. Alguma pista do que sucedera aqui — tão similar ao que sucedera a dois outros edifícios nos últimos três meses.

Aproximou-se da escadaria, perguntando-se que estabilidade teria...

— Não! Não faça isso!

Virou-se ao ouvir o grito, demasiado sonoro para vir de uma senhora e, contudo... Lady Imogen estava ali, saltando da carruagem para a rua, sem esperar que o diligente cocheiro instalasse o degrau. Saltou diretamente para a lama. Sem se importar com as saias arruinadas. Provando que ele tinha razão.

Só que ela não parecia despreocupada naquele momento. Havia algo nos seus olhos — algo como... preocupação? Ele reverteu o movimento, dirigindo-se para ela.

Outro estalido soou lá em cima, agora mais audível — mais como um estrondo.

— Imogen! — A Duquesa de Trevescan estava a saltar da carruagem, procurando alcançar a amiga. — Espera!

Outro estrondo. Mais alto. Mais próximo. Ele olhou para o cimo das escadas.

— Tommy! Não se aproxime muito das...

Caramba, estavam a ruir.

E Imogen Loveless estava a correr para ele.

Ele moveu-se sem pensar, dirigindo-se a ela, levantando-a do chão, mal registando o seu débil «Ups!» enquanto saía para a rua, onde o trio das amigas dela estava lado a lado, de olhos arregalados, e a escada desmoronava com estrépito, lançando uma nuvem de fuligem e cinzas por trás deles.

Só se virou quando chegou fora do alcance do edifício, olhando para o sítio onde, nem há dez segundos, estivera. E para onde ela

se dirigia. As escadas tinham tombado numa pilha de madeira e tijolo — o suficiente para matar um homem. E uma mulher. Uma emoção que não lhe agradava revelou-se e ele olhou para a mulher nos seus braços, incapaz de se impedir de perguntar, sonora e iradamente:

— Percebe agora? Que o seu lugar não é dentro de edifícios que sofreram uma explosão? Que pode magoar-se?

Imogen estava de olhos arregalados e, por um instante, ele viu algo ali. Algo como medo. E detestou a forma como este a emudecia.

Mas o fogo dela voltou, mais quente do que antes.

— Eu não estaria lá dentro se o senhor tivesse tido mais cuidado!

Ele mal conteve um rugido de frustração. Devia pô-la no chão. Pô-la no chão e deixá-la ali, naquela rua em Spitalfields. Que maluca.

E era o que faria. Dentro de um momento.

Assim que tivesse a certeza de que ela estava segura.

— Oh, meu Deus — disse Sesily Calhoun à distância. — Já viram os músculos dele?

— Acham que conseguirei convencer o Henry a crescer a barba outra vez? — disse a Duquesa de Clayborn. — É tão excitante quando eles nos deixam rapá-la.

— As senhoras não são casadas?

— Sim, mas não estamos mortas — retorquiu a Sra. Calhoun enquanto a Duquesa de Clayborn assentia alegremente com a cabeça. — Estávamos apenas a admirar a forma excelente como salvou a nossa amiga.

A amiga delas, ainda nos seus braços, o seu peso macio e sensual recordando perfeitamente que ela estava segura. Que eles estavam vivos. Que o coração lhe retumbava no peito.

— Não que eu precisasse de ser salva — disse Imogen baixinho. — Ou, melhor, não que eu precisasse de ser salva, se o senhor não se tivesse aproximado tanto das escadas. — Ele não conseguiu travar o resmungo que veio do fundo do seu peito ao ouvir estas palavras e ela ergueu as sobrancelhas. — Mas claro que, visto que se aproximou demasiado das escadas e eu *voltei* a entrar, graças a Deus que estava ali para me salvar, Tommy.

Ele ignorou a forma como o diminutivo — que apenas a mãe e a irmã usavam — soava na sua voz delicada e aristocrata, e corrigiu-a.

— Inspetor.

Caramba, ela era tão macia, e tinha um cheiro tão doce, como tartes numa montra, como peras e natas. E, enquanto dizia a si mesmo que a *pusesse no chão, raios*, a sensação dela nos seus braços e o cheiro dela assumiram o controlo da situação. Tornando-lhe impossível fazer algo que não fosse senti-la. Cheirá-la. Olhá-la — bochechas rosadas e olhos negros, cintilantes, e um sorriso que ele não devia inscrever na memória.

Quando ela pôs uma mão no seu peito, ele não conteve um tremor. Por um breve momento louco, Thomas Peck estava descontrolado. E isso não lhe agradou.

— É um som maravilhoso — disse ela. — Um *catrapum!*

Ela estava a falar dele. Do som que ele emitia. Pô-la no chão. Imediatamente.

Capítulo 3

Nessa noite, mesmo antes de o jantar ser servido, Imogen recebeu uma carta do irmão. O facto de ela viver na mesma casa que este — o sexto Conde Dorrington — e assim acontecer desde que o seu pai era o quinto Conde Dorrington, era de some-nos importância. Nos oito anos desde que assumira o título após a morte do pai que Charles Edward Loveless não se poupava a esforços para não interagir com a irmã mais nova.

Nove anos mais velho no corpo e, pelos cálculos de Imogen, aproximadamente 90 anos mais velho na alma, depois da morte do pai Charles deixara o cuidado e alimentação da irmã mais nova ao cargo de preceptores, cozinheiros e governantas bem pagas — um batalhão de serviçais que, de boa vontade, deixavam Imogen fazer o que queria nos andares superiores da ala leste da Dorrington House e nas profundezas das caves de pedra.

Periodicamente, ocorria a Imogen que o irmão simplesmente não sabia onde encontrá-la — mas quer Charles fosse ou não capaz de encontrar a ala leste ou as caves, nunca o fizera antes e não era de surpreender que não começasse a fazê-lo esta noite.

Em vez disso, enviou uma nota.

Irmã, dizia. Vem ver-me.

— Encantador — disse Imogen entre dentes ao ler a convocatória, que significava duas coisas: primeiro, tratava-se de algo sério, pois o irmão nunca tomava a iniciativa das suas interações;

segundo, estava em casa para jantar, uma ocasião rara, porque Dorrin tinha pouco interesse em jantar com a irmã e freqüentemente tomava a refeição friamente no clube de que era membro ou com a amante.

Diga-se, em abono da verdade, que Imogen estava perfeitamente feliz com esta situação, porque preferia mil vezes comer o que estivesse quente e delicioso na cozinha do que sentar-se na sala de jantar fria, em pontas opostas da enorme e lustrosa mesa, dando o seu melhor para fingir que a sua relação com o irmão era algo mais do que inexistente.

Além disso, quando Charles estava em casa para jantar, comiam *sempre* borrego.

Com uma careta, empurrou os pesados óculos protetores para a cabeça, afastando-se da sua bancada de trabalho nas caves da Dorrin House. Olhou para o lacaio que lhe entregara a mensagem.

— Por favor, diz ao meu irmão que terei todo o gosto em juntar-me a ele assim que terminar aqui. Estou a meio de uma coisa, como podes ver.

Geoffrey, o jovem lacaio em questão, de bochechas vermelhas e parecendo não conseguir desviar os olhos da panela a fervilhar no fogão improvisado, dirigiu-se ao fogo, com evidente preocupação na voz.

— Sim, estou a ver, minha senhora, mas o conde foi bastante insistente...

Imogen suspirou.

— Percebo. É urgente.

— Sim, minha senhora.

Pegando num trapo, Imogen tirou a panela do lume e pousou-a numa grande pedra plana no canto do espaço cavernoso. Limpando as mãos ao avental, acenou na direção das escadas.

— Que assim seja, então. Ouçamos o que o conde tem para dizer.

O lacaio não respondeu, apenas lançando um olhar cético na direção da panela, ainda a fumegar. Engoliu visivelmente em seco, a sua grande maçã-de-adão saltitando na sua longa e fina garganta.

— Aquilo é...

— Perfeitamente seguro. — Imogen sorriu. — Apenas explodiu uma vez, por acidente.

— O que é? — perguntou ele, aliviado.

— Nada com que devas preocupar-te. Só um pouco de pólvora leve.

O lacaio arregalou os olhos.

— Minha senhora...

Ela fez um gesto de desdém pela sua preocupação.

— Não precisas de te preocupar, Geoffrey. É muito menos perigosa do que a pólvora vulgar. Esta é mais para fazer explodir coisas pequenas. Fechaduras e cofres e coisas do género. — Ele não parecia convencido. — Mas talvez seja melhor que isto fique um segredo entre nós, não achas? Vamos ao encontro do meu irmão? — sugeriu, sorrindo.

Após um momento de consideração, o jovem parecia ter decidido que fazer o conde esperar era uma infração mais séria do que deixar a irmã do conde explodir a casa, por isso Imogen seguiu o lacaio pelas escadas e percorreram o longo corredor até ao escritório do irmão, uma divisão que ela raramente pisava.

O lacaio abriu a porta para o imponente aposento com teto alto, madeiras escuras e o cheiro rico de couro e tabaco — um aposento que fora habitado por gerações de condes anteriores ao que, de momento, o ocupava — e anunciou:

— Lady Imogen, senhor.

Imogen revirou os olhos e passou à frente do jovem.

— Obrigada, Geoffrey. Apesar de eu e o meu irmão não nos cruzarmos muitas vezes, estou certa de que me reconhecerá.

— Minha senhora. — Geoffrey fez-lhe uma vénia minúscula e perfeita e partiu. Em passo apressado.

Imogen não podia censurá-lo. Gostaria bastante de poder fazer o mesmo.

Sentado à grande secretária Dorrington — esculpida a partir do casco de um galeão espanhol afundado que um qualquer Dorrington remoto atacara em alto mar — o irmão não levantou os olhos da carta que estava a ler.

— Senta-te.

Imogen não se sentou. Esperou, observando a imaculada perfeição aristocrática do irmão.

Se um viajante surgisse do passado e pedisse, «Por gentileza, indiquem-me um cavalheiro moderno», toda a cidade de Londres

o conduziria de imediato à Dorrington House. Charles tinha 33 anos, era alto e magro, tinha cabelo da cor da areia da praia e olhos da cor do mar dessa praia arenosa. Tinha um nariz longo e reto que faria os pintores de retratos correrem para os pincéis, e em toda a sua vida Imogen nunca o vira, sequer, com um fio fora do lugar.

Quanto a Imogen, era 20 centímetros mais baixa e bastante mais redonda, com caracóis negros desgovernados e olhos castanhos completamente normais e um rosto que, caso fizesse os pintores correrem para os seus pincéis, seria uma excelente amostra de um círculo perfeito.

Tudo isto ainda antes de abrirem as bocas e Charles se revelar extremamente decente e profundamente enfadonho. Imogen, embora sendo muitas coisas, não era nenhuma destas duas.

O facto de serem irmãos era testemunho do sentido de humor do Senhor.

Ela fartou-se de esperar.

— Alguma vez te enrugas?

Silêncio. O que, na verdade, não era surpreendente. Charles não emitia ruídos inesperados. Não havia nada de explosivo nele.

— Alguma vez manchaste uma manga com tinta?

Ele virou a carta e continuou a ler, como se ela não tivesse falado.

Imogen atirou-se para uma das cadeiras diante da secretária.

— Com que frequência precisas de cortar o cabelo?

Charles suspirou e levantou uma mão, indicando-lhe que devia aguardar.

— Chamaste-me aqui, Charles. Se estás ocupado com outra coisa, posso voltar...

Ele pousou a carta na secretária e ergueu os olhos.

— Estavas a... Santo Deus, o que é que tens vestido?

Ela olhou para baixo.

— Um avental.

— Por que cargas de água?

— Pela mesma razão que a maioria das pessoas usa aventais, suponho: proteção.

— A maioria das pessoas usa aventais para proteger a roupa de ficar manchada de sopa. Tu usas um avental de couro.

— Devo elogiar-te pelos teus poderes de percepção?

Ele colocou ambas as mãos sobre a secretária.

— Porque é que estás a usar um avental de couro?

— Para me proteger da sopa?

Ele não se levantou.

— Imogen.

— Charles.

Fitaram-se por um longo momento, enquanto ele parecia avaliar a duração da conversa se continuasse a pressioná-la sobre a sua indumentária, e a mesma duração se apenas fosse direto ao assunto... e escolhesse o curso de ação mais curto.

— Está bem.

— Ficas para o jantar?

— Tinha planeado ficar.

— Borrego.

— Espero que sim. — Levantou a carta. — Dás-me licença?

Ela suspirou.

— Continua.

— Foste vista.

— Sou vista em muitos sítios, Charles. Onde?

Ele olhou para o papel.

— Spitalfields. — Estremeceu. — Que nome horrível para um sítio.

Imogen gelou. Tinha sido vista na O'Dwyer & Leafe. Honestamente, isto não devia ser uma surpresa. Um edifício que explodira durante a noite — as pessoas tendiam a reparar nisso de manhã. Mas ela não fora apenas vista — fora identificada. E, mais do que isso, nomeada. O que significava... uma série de coisas. Incluindo a possibilidade de alguém que não pertencia a Spitalfields ter estado ali com elas nessa manhã.

— Quem te disse?

— Visto que a tua resposta o confirma, não vejo que importância tenha isso.

Tinha bastante importância, na verdade.

Teria sido Tommy?

Não era uma impossibilidade. Ele podia ser um verdadeiro urso, com cabelos escuros e olhos azuis e uma capacidade para discutir verbalmente com ela e carregá-la ao colo por todo o mundo cristão, mas todas essas características excelentes não alteravam

o facto de ser exatamente o género de homem que decidia seguir um qualquer código idiota depois de a salvar de um edifício a ruir, e aconselhar o seu irmão a trancá-la em casa.

— E quando é que, alegadamente, estive em Spitalfields?

Charles olhou-a diretamente nos olhos.

— Esta manhã.

Ela inclinou a cabeça.

— Não me recordo.

Charles apertou a cana do nariz.

— Imogen, essa conversa não é para nós. — Se existia coisa que desagradava a Charles eram disparates. — Foste vista em Spitalfields na... — consultou a folha de papel — localização anterior das Modistas O'Dwyer & Leafe.

Ela suspirou.

— Certo. Estive lá.

— Porquê?

— Ia mandar fazer um vestido. Obviamente.

— Difícil, quando o edifício tinha explodido. — Olharam-se em silêncio até que, finalmente, ele se pôs de pé. — Muito bem. Na verdade, culpo-me a mim mesmo.

— Pela explosão? Não deves dizê-lo em voz alta, se esperas escapar impune, Charles.

— Especialmente considerando a amizade que pareces ter iniciado com um *pólicia* qualquer. — As últimas palavras escorriam desdém.

Bem. Com uma atitude assim, Imogen duvidava muito que tivesse sido Tommy Peck a contar ao irmão sobre essa manhã. O que era animador. De alguma forma. Pelo menos no sentido de poder voltar a pensar nas pernas de Tommy e nos seus olhos e na forma como ele a carregara ao colo.

Perguntou-se se ele seria o homem mais forte que já conhecera.

Era, sem dúvida, o mais bonito.

Ai. Não devia estar a pensar em como ele era bonito. Ou forte. Ou na cor dos seus olhos.

— É um inspetor na Scotland Yard — disse, para corrigir o irmão e para se recordar. — Não somos amigos.

— Pois, calculo que não sejam — retorquiu Charles. — Considerando que tu és praticamente selvagem.

Era preciso muito para insultar Imogen, mas até ela tinha os seus limites.

— Perdão?

— Como disse, culpo-me a mim próprio, pois percebo que este é um dos muitos sítios considerados inapropriados para senhoras em que estiveste recentemente.

— Por exemplo?

— Poder-se-ia pensar que eu não precisasse de enumerar mais do que um edifício demolido, mas fá-lo-ei. Soube que estiveste num antro de jogo feminino em Covent Garden...

O número 72 de Shelton Street era muito mais escandaloso do que um antro de jogo, mas ela não ia corrigi-lo.

— Juntamente com metade de Mayfair.

Ele ignorou-a.

— Disseram-me que te viram a pavoneares-te em Lambeth...

— No *casamento* dos Duques de Clayborn — interrompeu ela.

— Queres que acredite que os duques se casaram em Lambeth?

Era verdade. Bem... bastante perto.

— Sim.

O irmão fez um gesto de desdém pela conversa.

— Muito bem. Pelo que sei, tens andado a divertir-te numa taberna só para senhoras, algures em South Bank.

Era em Covent Garden, mas também não ia dizer-lhe isso. Ele já parecia saber demasiado acerca dos seus movimentos.

— É só para senhoras, Charles. Em que espécie de sarilhos achas que posso meter-me aí?

— Francamente, há uma diferença entre senhoras e *ladies*, irmã, e acho que está na altura de assumires o comportamento apropriado.

— Ela perguntou-se como seria a reação dele se ela o sujeitasse a clofórmio. — O pai deixou-te andar por todo o lado e contratou-te professores de ciências e sabe Deus que mais, em vez de preceptoras e... instrutores de dança e o que quer que as senhoras a sério requeiram.

— Quem quer — disse ela.

— O quê?

— Não é o que quer, é quem quer — repetiu ela. — *Instrutores de dança e quem quer que as senhoras a sério requeiram*, fala-se de pessoas, percebes? — Durante o silêncio dele, chocado por a sua gramática estar a ser corrigida, ela acrescentou: — E eu sei dançar.

— Sabes?

— Sim. Tive lições por muitos anos.

— Eu sei que aprendeste, Imogen. Paguei as lições. Mas danças?

— Eu... — Não dançava. — Bem, mas não é por não saber.

— É porque estavas demasiado ocupada com o teu maldito laboratório. A Sra. Madewell informou-me, ainda não há três horas, que acha que guardas pólvora nas caves.

— Não guardo nada! — Ela *fabricava* pólvora nas caves. Sabia que não devia guardá-la ali. Contudo, era bom saber que a governanta trabalhava como espia para o irmão.

— Claro que não — disse ele.

— Não?

Ele já estava a avançar.

— Mas és demasiado indomada para o teu próprio bem.

Ela calculou que *indomada* fosse melhor do que *selvagem*.

— Estou perfeitamente feliz, Charles.

— Não, não estás.

— Não estou?

— Não. Tens 24 anos e está mais do que na hora de encurtar a rédea que te tenho dado desde que o pai morreu.

Selvagem, indomada e, agora, tinha rédea.

— É a terceira vez que te referes a mim como se eu fosse algum animal, Charles. Começo a ficar ofendida.

— Tens fuligem na cara, e o teu cabelo... — Calou-se e estudou-lhe os caracóis que decerto estavam a fazer o que os caracóis faziam. O que ele não compreendia, porque tinha um cabelo perfeitamente liso. Ela perguntou-se se ele precisaria sequer de o pentear. Talvez os fios nunca saíssem do seu lugar, receando serem criticados.

Ela semicerrou os olhos.

— Se já acabaste, irmão.

— Por acaso não acabei. Tomei uma decisão.

— Acerca de quê?

— Precisas de um marido.

— Um *quê*?

— Um homem. Para tomar conta de ti.

Ela não conseguiu evitar. Riu-se.

— Charles. Não preciso de um marido.

— Precisas, sim. Está na altura de te casares, Imogen.

— Já debutei há seis anos! — Ela avançou a cabeça. — Não sou... vendável.

Ela esforçara-se bastante para não o ser. Para ser franca, estava muito orgulhosa disso.

— Bem, não discordo, mas asseguro-te que não é por já teres debutado há seis anos.

Ela franziu a testa para ele.

— E eu que estava aqui a pensar que um viajante no tempo te consideraria um cavalheiro.

— Amanhã... — Deteve-se quando assimilou as palavras dela.

— O quê?

— Não te apoquentes. Já não penso assim.

Ele abanou a cabeça.

— Muito bem. Amanhã compensaremos o tempo perdido.

— Que vais fazer, contratar-me uma precetora?

— Uma precetora, não — disse ele calmamente, sentando-se novamente e retirando uma coleção de cartas da gaveta da secretaria. — Mas uma dama de companhia não seria despropositado.

— Uma dama de companhia! — Imogen saltou da cadeira. Isto era uma loucura. — Tenho 24 anos!

— Também vou restringir o acesso à tua cave privada.

— Porquê?

— Porque os maridos não querem esposas esquisitas.

— Não há nada de esquisito em interessar-me por... — Interrompeu-se e ele aguardou que ela concluísse. Quando ela não o fez, ele inclinou a cabeça para ela como se dissesse: *Estás a ver?*

Clorofórmio — um breve *knockout* — era demasiado bom para ele. Algo pior. Algo que o sentasse no bacio por alguns dias, talvez. Ela respirou fundo e fez os possíveis para o chamar à razão.

— Charles. Não preciso de casamento. Tenho uma casa. Tenho dinheiro.

— Pelo contrário, irmã. Eu *tenho* uma casa. Eu *dou-te* dinheiro.

Os olhos dela arregalaram-se. Ele não podia estar a insinuar...

— Estás a ameaçar retirar-me o dinheiro? Porque fiz um passeio a Spitalfields?

— Nem por sombras. Tenciono fornecer-te um grande dote. Bastante grande para que, até tu, possas casar. Depressa.

— Brandiu o molho de cartas, pousando-as na secretária uma após a outra. — Uma dama de companhia. Um instrutor de dança. Uma criada de quarto...

— Tenho uma criada de quarto.

— Claramente, não tens uma com talento para o cabelo e a maquilhagem. — Era verdade. Hillary tinha talento para escutar os mexericos dos outros criados, o que era muito mais valioso, no entender de Imogen.

Charles ainda estava a empilhar envelopes.

— Uma modista; uma cuja loja, da última vez que verifiquei, não tenha explodido...

Imogen já não o ouvia. Estava a sair da sala. Já fazia planos.

O irmão não poderia casá-la se não conseguisse encontrá-la.



Com o seu indomável cabelo encaracolado, a mente povoada por ideias selvagens e um ousado amor por experiências e explosivos, Lady Imogen Loveless é vista pela alta sociedade londrina como alguém muito... *particular* — e isto sem se saber que faz parte das Hell's Belles, um grupo de mulheres que tentam corrigir pelas próprias mãos as injustiças que as rodeiam.

Thomas Peck, por sua vez, não faz parte dessa alta sociedade. Vindo de um contexto difícil, alcançou uma promissora carreira de investigador criminal unicamente graças à sua força de vontade e capacidade de ver o que escapa aos outros, tal como o facto de Imogen não ser muito *particular*, mas sim o caos total. Um caos que necessita de alguém que o vigie, algo com que a família dela concorda plenamente.

E ainda que Thomas não tenha grande interesse em assumir esse papel, existem, no entanto, trabalhos demasiado explosivos para serem ignorados, e não tardará até que o investigador se veja envolvido pelo mundo de Imogen, pelo seu sorriso audaz, segredos ardentes... e uma paixão fogosa que ameaça consumi-los a ambos.



«Sarah MacLean acerta em cheio em tudo o que faz.»

Booklist

DA MESMA AUTORA:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

topseller.suma
 penguinlivros

ISBN 9789897876097



9 789897 876097 >